

CONTOS DE FADAS

2ª feira: 18/Agosto/2003

Bom dia ouvinte do Caderno Manhã da rádio MEC. No quadro Escutar e pensar, nós vamos falar sobre você e o mundo à sua volta.

Veja se você reconhece essa musiquinha: Pela estrada afora, Eu vou bem sozinha, Levar estes doces para a vovozinha...Claro que sim! Todo mundo lembra logo da história do Chapeuzinho Vermelho, onde tem a mãe, que manda Chapeuzinho levar os doces, a avó, o caçador e o Lobo Mau. O Lobo Mau é um personagem assustador. Ele também está presente em muitas outras histórias. A dos Três Porquinhos. A do Lobo e do Cordeirinho e mais numa infinidade de outras. Sempre fazendo maldades. As crianças, geralmente, sentem muito medo do Lobo Mau. E, muitos pais, se preocupam se devem contar esta parte da história. Ficam na dúvida se isso não vai criar um trauma nos filhos, se não devemos poupar as crianças dessas maldades. Quando elas são muito pequeninhas, até os 2 ou 3 anos, elas ficam mesmo aterrorizadas. Mas lá pelos 4 anos, elas começam a se encantar. Apesar do medo, elas pedem que a gente conte muitas vezes a mesma história e, aí de nós, se esquecermos de algum pedaço, principalmente daquele do Lobo Mau.

Pode parecer estranho que as crianças insistam tanto numa coisa que assusta e que, às vezes, até causa pesadelos à noite. Afinal, qual é o fascínio? O fascínio não é tão misterioso, assim. Muitos de nós, adultos, adoramos ver filmes de terror. Os programas na televisão que mostram catástrofes tem índices altíssimos de audiência. Os jornais que tratam de crimes horrendos vendem mais do que água. Os filmes trágicos ou violentos têm platéia certa.

Pois é. Nós, os adultos, somos, de certo modo, iguais às crianças. Gostamos de sentir medo, horror e aflição. O que acontece conosco, e também com as crianças, é que nos causa uma espécie de satisfação ver no cinema, no jornal, na televisão, quer dizer, fora de nossas vidas estas coisas assustadoras. Desse modo, podemos viver todas estas situações como se a gente estivesse lá, sem estar lá de verdade. Isso é um alívio! As crianças também sabem que as histórias infantis não são verdade verdadeira. São verdades da imaginação. Elas não confundem a realidade com a imaginação. Experimentam medo e susto junto com Chapeuzinho, mas sabem que elas não são Chapeuzinho. Além disso, quando repetimos várias vezes a mesma história, as crianças antecipam o alívio que vão sentir no final porque elas já sabem como acaba.

Quer dizer, não há problema nenhum em contar pra criança estas histórias infantis. Não é preciso que a gente lhes conte uma versão ligh. Elas não ficam nem medrosas nem traumatizadas

porque nós falamos do lobo mau. Pelo contrário. Elas se encantam com a imaginação. Elas tomam gosto pra lerem outras histórias quando crescerem. Elas aprendem que, na vida, há lugar pra todos os sentimentos. E que, uma das melhores maneiras que temos pra lidar com os sentimentos ruins é através da arte. Histórias infantis são obras de arte que apresentamos às crianças.

Pense nisso ouvinte e até amanhã com o quadro Escutar e pensar do Caderno Manhã da rádio MEC. Se você tiver alguma dúvida ou sugestão, telefone pra 2252-8413, central de atendimento da rádio MEC.

3ª feira: 19/ Agosto/ 2003

Bom dia ouvinte do Caderno Manhã da rádio MEC. No quadro Escutar e pensar, nós vamos falar sobre você e o mundo à sua volta.

Crianças adoram ouvir histórias e é engraçado que elas adoram aquelas mesmas velhas histórias que nossos avós contavam pra gente. Têm adultos que acham que essas histórias são horríveis, ou que são uma perda de tempo. Mas, vamos pensar um pouco sobre isso. Vamos pegar a história do Chapeuzinho Vermelho como exemplo, pra mostrar como é rica pra aprendizagem e pro crescimento da criança.

A mãe de Chapeuzinho manda ela ir levar doces pra vovó que está doente. Assim, ela ensina à filha que se deve cuidar dos mais velhos e dos doentes. Além disso, ela confia que a filha é capaz de fazer tudo direitinho. E toda criança fica muito orgulhosa quando a mãe, o pai, a professora lhe dão uma missão de responsabilidade. Mas a mãe de Chapeuzinho é também uma mãe cuidadosa. Ela avisa à filha dos perigos da floresta. Chapeuzinho ouve os conselhos da mamãe, mas...Não obedece. A desobediência de Chapeuzinho também é importante pra criança. Claro que todo pai e toda mãe desejam que seu filho seja obediente, mas todos nós já fomos crianças e sabemos bem que toda criança precisa experimentar a vida, romper os limites dados. Toda criança segura faz assim. É bom lembrar que é justamente esse desejo de superar os limites que faz a ciência progredir, faz os recordes esportivos serem quebrados. E quando os pais acreditam que somos capazes, isso dá uma segurança que faz a gente ser capaz de ir além... Até mesmo além deles.

Ao ver o Lobo na cama de sua avó, Chapeuzinho não se assusta imediatamente. Ela faz uma investigação. Quer saber pra que servem os olhos, o nariz, a boca. Chapeuzinho é curiosa como toda criança deve ser. Ela quer conhecer o mundo apesar dos riscos. Ela pesquisa. Não é isso que queremos que nossos filhos façam? Que eles queiram aprender e sejam bons alunos? Que eles se interessem pelo mundo?

Quando o Lobo avança para comê-la, Chapeuzinho se dá conta

que o mundo pode ser perigoso. Devemos ousar, mas não ousar tudo. Há limites que devemos respeitar. Devemos respeitar as leis, quer dizer, respeitar aquilo que nos ensinam que podemos ou não podemos fazer.

O caçador aparece. Ele é o salvador. E aí a criança aprende que precisamos uns dos outros. Que se há gente má, como o Lobo, há gente boa também. Que podemos contar com ajuda em nossos momentos de desespero e aflição. Que não estamos sozinhos.

O caçador mata o Lobo e abre sua barriga tirando lá de dentro a vovó. A maldade não compensa. O caçador é, além do salvador, uma espécie de médico. O que corta pra salvar e fazer a vovozinha renascer. Como em todo nascimento, tem a alegria. Todos ficam contentes e se abraçam felizes.

Vejam vocês quantas coisas uma criança aprende na história do Chapeuzinho sem que os pais fiquem dando lições de moral. As lições de moral são importantes, mas elas podem ser dadas assim. Brincando. Contando histórias pros nossos filhos e netos. Essa é a melhor maneira de se ensinar e de aprender.

Pense nisso ouvinte e até amanhã com o quadro Escutar e pensar do Caderno Manhã da rádio MEC. Se você tiver alguma dúvida ou sugestão, telefone pra 2252-8413, central de atendimento da rádio MEC.

4ª feira: 20/ Agosto/ 2003

Bom dia ouvinte do Caderno Manhã da rádio MEC. No quadro Escutar e pensar, nós vamos falar sobre você e o mundo à sua volta.

Será que no mundo atual ainda há espaço pros contos de fadas? Será que as crianças ainda se interessam por isso, diante de tantos super-heróis, de video-games, de brinquedos eletrônicos?

As próprias crianças dão a resposta. Basta que alguém se sente ao lado delas pra contar uma história que, imediatamente, seus olhinhos brilham de alegria e curiosidade. O que há nessas antigas histórias que continuam a encantar as crianças modernas?

Cada ser humano, seja adulto ou criança, é um ser único. Não existem duas pessoas iguais. Mesmo os gêmeos idênticos têm personalidades diferentes. No entanto, todos nós nos reconhecemos como seres humanos, não só por causa dos nossos corpos, mas também por outras características. Uma delas é que os sentimentos são universais. Isto quer dizer que todo ser humano ama, odeia, tem medos, aflições, sente ciúmes. E não só gente grande. Crianças muito pequenas tem choros "sentidos", fazem pirraça, sentem ciúmes se a mãe ou o pai dão atenção à outra pessoa...É claro que um bebê mostra isso diferentemente de uma criança que fala ou de um adulto. Mas, no

fundo, no fundo, é a mesma coisa.

Pois é disso que os contos de fadas falam. A bruxa malvada, a linda princesa, a fada madrinha, o príncipe encantado, a rainha má, as irmãs invejosas, madrastas cruéis, o gênio da lâmpada, o boneco que fala. Feitiços e poções mágicas. Desejos que se realizam. Castigos e punições. Cada um dos personagens corresponde a sentimentos que nós experimentamos. A Bela Adormecida, Cinderela, Rapunzel, A Moura Torta, Ali babá, Pinóquio... Personagens do Bem e do Mal. Do amor e do ódio. Os contos de fadas falam sobre como lidar com esses sentimentos, que são tão difíceis. E também, como todos nós temos dificuldades e precisamos encontrar caminhos pra vencê-las.

A criança se imagina na pele desses personagens. É claro que ela quer ser sempre o do Bem. Mas ela também reconhece muito de si no personagem maldoso. A criança sabe que ela também é capaz de fazer maldades. E algumas crianças sentem prazer em entrar na pele dos malvados, não tem problema nenhum. É justamente isso que a história permite: a criança pode viver todas essas emoções: pode ser o rei, casar com príncipe, se vingar do inimigo... Nós adultos também fazemos a mesma coisa quando vemos novelas, filmes ou lemos alguma história. Veja o sucesso que fazem entre adultos os filmes como Uma linda mulher, que é exatamente a Cinderela.

É esse encanto que os contos de fadas mantém até hoje. São novelas infantis. Por isso estão sempre dando ibope, mesmo diante de toda a parafernália eletrônica. Porque os sentimentos humanos, desde que o mundo é mundo, são sempre os mesmos. Contar essas histórias pras crianças é uma experiência fantástica. Ao contá-las pras crianças, nós, adultos, podemos também reviver esse mundo mágico que tanto nos encantou e continua a nos encantar.

Pense nisso ouvinte e até amanhã com o quadro Escutar e pensar do Caderno Manhã da rádio MEC. Se você tiver alguma dúvida ou sugestão, telefone pra 2252-8413, central de atendimento da rádio MEC.



[Programa de Rádio
"Escutar e Pensar"](#)